

Pully



# Pully

Kaylane Figueiredo  
Jonatham S.

Andorinha/BA  
2015



Para minha mãe, meu pai, meu irmãozinho Arthur, meu primo Jade, para meu professor Jonatham que teve a ideia desse livro e para toda a turma do quinto ano.

KAYLANE



Para toda a gente bacana da turma do quinto ano,  
também para minha esposa e para a criança mais  
impressionante que já tive o prazer de lecionar, Kaylane.

JONATHAM



## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b> Doce Suzy	<b>12</b>
<b>Capítulo 2</b> O Carmim de Livia	<b>24</b>
<b>Capítulo 3</b> O Enigma da Lua	<b>34</b>
<b>Capítulo 4</b> O Feitiço do Dia e da Noite	<b>58</b>
<b>Capítulo 5</b> Como a Antigravidade	<b>66</b>
<b>Capítulo 6</b> A Lebre, o Alce e o Colecionador	<b>100</b>
<b>Capítulo 7</b> Panapaná	<b>158</b>
<b>Capítulo 8</b> O Artífice de Sonhos	<b>178</b>
<b>Capítulo 9</b> Catalina	<b>196</b>
<b>Capítulo 10</b> Adeus... Esdras!	<b>236</b>

Caros leitores,

Este livro é resultado de uma semente plantada em alunos da rede pública, de uma cidadezinha do interior do Nordeste. Alunos de 4 a 17 anos, muitos estacionados num mesmo segmento há vários anos e que por meio destas linhas, teve a missão de mostrar que "Gente pequena também escreve, pensa, se emociona, tem o que ensinar."

Pois é, tudo começou em um pequeno grupo, com uma ideia de um projeto de leitura... Ai um aluno aprendeu a digitar, o outro aperfeiçoou o traço do desenho, o outro ensinou aquele com dificuldades e assim os livros dos alunos da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental nasceram... Um trabalho coletivo, produzido a base de precariedades, mas com muita verdade, muito bom gosto e criatividade.

Determinação também marca a história real dos educadores desta escola de Caldeirão da Vaça. Uns com vários anos de educação, outros nem tanto. Apesar de negarem, mergulham a fundo na vida de seus alunos e, cada um à sua maneira, plantam a semente do senso crítico, da participação e da valorização da educação como mola propulsora para uma sociedade mais justa.

Nestas páginas vocês terão oportunidade de vislumbrar o homem do sertão que sofre com a seca, as injustiças do ser humano que mata os seus semelhantes, os passeios na floresta, as lições de vida de um cãozinho, de uma menina que ajuda a um animal tal qual muitos humanos deveriam fazê-lo... Passearão pelos olhares de objetos presentes e muitas vezes não passando de meros decorativos, de nossas escolas, sem esquecer-se das princesas em seus contos de fadas e histórias de faroeste regadas a muita emoção e coragem.

Boa leitura!

Marta Maria

Capítulo 1  
Doce Suzy

Já passavam das dezessete horas quando a menina entrou pela porta de casa com enorme estrondo. Chegara da escola.

— *Céu? É você?* - perguntou a mãe de algum lugar da casa.

— *Sou eu, mãe!* – berrou a garotinha removendo a mochila das costas.

Sentou-se depressa no sofá em frente à televisão e sacou de dentro da mochila uma pequena caixa achatada e o caderno de anotações.

— O professor pediu para ver esse filme. Tenho que escrever uma análise. – Informou a pequena.

— *É? E qual é o filme?* – Indagou a mulher com uma gentil voz da cozinha.

— Não sei, está em inglês. “*S... Sweet... Sweet Suzy*” – leu como grafado – tenho que ver agorinha mesmo, é para amanhã.

— *Está bem. Vou fazer um sanduíche, você quer?*

— Muito! – Respondeu a garotinha agitada operando o aparelho de reproduzir filmes. Apontou o controle na direção da TV, sentou-se e pôs-se a assistir.

Depois de alguns minutos de longa, um sono atípico tomou a menininha. Seus olhos coçavam e as pálpebras

pesavam-lhe quase uma tonelada. Ela se remexia sobre o sofá afundado e gasto lutando contra aquele sono que lhe atrapalhava a cumprir a tarefa escolar. Nem mesmo por muito tentar conseguiu vencê-lo e logo adormeceu. Dormiu ali um sono denso e profundo.

...

Céu é como chamavam a Kaylane, a menina desta história, e que quer dizer “o mar e o *céu*” em Ōlelo Hawaii, antiga língua do povo polinésio. É um tratamento carinhoso usado, às vezes, por seus amigos, seus pais e seu irmãozinho, Arthur.

Céu estudava o quinto ano fundamental, era muito inteligente e compenetrada. Suas notas eram excelentes e adorava a escola. Tinha uma beleza própria: uns olhos pretinhos puxados e brilhantes com expressivas olheiras escuras; rosto magro, boca grande e aparelho nos dentes. Tinha um dos incisivos inferiores fora do eixo que mais era uma minúcia de sua figura marcante que uma deformação. Os cabelos negros, meio ondulados não passavam do pescoço e era gentil e afável, contudo, muito rígida e decidida.

Tudo ganhou um novo sabor quando Céu foi para o quinto ano, a receada classe do professor Ulisses, um sujeito excêntrico, cujos métodos de ensino não eram nada convencionais, “heterodoxos”, como o mesmo avaliava. O professor Ulisses era descabido, gostava de videogames, pets, desenhos animados e como se não bastasse, tocava teremim nas horas vagas em uma banda de rock neo psicodélico. Isso é deveras incomum quando se trata de professores. Em geral, professores são “caxias” e sérios demais.

...

Durante o sono, em seu sonho, a menina abriu seus olhos e viu-se em um lugar completamente estranho, não lembrava nenhum outro lugar onde já havia estado. Tinha consigo que aquilo não passava de um sonho, como outro qualquer, contudo, presente e íntimo e de algum modo muito real. Olhou em volta e para cima, o céu era de um azul-cobalto soturno, com retorcidas nuvens cinzas o escondendo. O chão onde estava caída era calçado por pedras de variados tamanhos e formatos, polidas como seixo; não estava sujo, mas por toda parte havia páginas iguais às de um livro antigo que de vez em quando um vento que assobiava as levantava do chão.

Ouviu um ruído como o de alguém revirando latas de lixo, vinha de não muito longe, mas não se podia enxergar coisa alguma de onde estava. Aquilo que parecia ser uma rua ou beco era pouco iluminado, senão por um alto e pitoresco poste bem acima do gorro da criança, brilhando como um holofote. A garota pôs-se de pé e buscando afastar-se da luz do poste acima de si, andou quatro passos para trás. Seus calcanhares encontraram-se com um muro, não podia recuar mais.

Outra vez o ruído. O barulho pareceu vir da esquerda, então, andou para direita a passos lentos e silenciosos. Novamente aquele som de latas de lixo, o de garrafas caindo também, agora vinham da direita. Um fedor horrível de peixe apodrecido e chulé invadiram suas narinas quase a fazendo vomitar.

— *Argh!* – Nauseou a garota.

Disso se ouviu um berro grave e mal articulado e no largo calçado de pedras polidas surge uma enorme criatura curvada,

desmedidamente gorda andando a passos lentos. Os braços longos alcançavam os joelhos; tinha um aspecto humano, mas à medida que se aproximava, percebiam-se todas as suas deformidades: enormes pés descalços, mãos também graúdas, não possuía unhas e estava vestido apenas por uma calça velha de brim desbotado e encardida sustentada por um cordão imundo. Enquanto andava, forçava o faro e continha o catarro que escorria das narinas achatadas. A criatura era muito alta. Tinha a pele grossa, enrugada e tinha apenas um olho no centro da cara. Os dentes podres sobressaíam aos lábios rachados e tinha uma expressão de tristeza.

Um pavor frio dominou a menina paralisando-a. Sua respiração ficou mais pesada, o coração batia apressado e com mais força a cada passo que o monstro andava em sua direção. Então, viu, não muito distante, um amontoado de caixotes e sacos de lixo e correu a toda para se esconder do grandalhão. Seu vulto em fuga terminou chamando a atenção da criatura que deu meia volta e a perseguiu. Cada vez mais depressa ele marchava na direção dos caixotes em passos que faziam o chão estremecer. O pânico possuía a garota ao passo que pisadas esmagadoras sacudiam a terra aproximando-se dela. Assim que a diabrura a descobrisse a arrancaria do esconderijo e a devoraria, estava certa disso. Não lhe restava muito, senão esperar que a besta a descobrisse e contar que aquele pesadelo acabasse logo. Abaixada, esticou o gorro bege até o queixo, apertou as pernas com um abraço e aguardou pelo pior, tinha, consigo que aquilo tudo não passava de um sonho ruim.

A aberração começou a desfazer o monte de lixo e entulho quando, detrás do bicho, um gato persa todo preto e com um guizo preso ao pescoço fez um barulhão fuçando no lixo. O monstro virou-se rapidamente e correu para apanhar o gato que

não o esperou, partiu tão depressa que sumiu na bruma. A criatura soltou um urro medonho e saiu correndo atrás do gato até também desaparecer na densa noite.

Tremendo de pavor a garotinha deixou seu esconderijo com cuidado, qualquer barulho atrairia a fera novamente para si.

"Que pesadelo horrível é esse? E por que não acordo de uma vez"? – Murmurava para si a menina.

Os odores, as texturas, o peso dos objetos e a intensidade com a qual passava por tudo aquilo a fazia duvidar que se tratasse apenas de um sonho. "sei que não é real" - ela pensava. No entanto, era como se estivesse presa dentro de si mesma e tivesse que escapar. E aquele lugar? Onde ficava exatamente? Como sair dali? "acorda, acorda!" – dizia a si mesma beliscando-se.

De repente, todo o lugar se iluminou. Os postes, as placas de neon no alto dos bares brilhando e piscando. Dava para ver muito melhor que antes os caminhos e uma encruzilhada logo a frente. Viam-se árvores, uma banca de jornal, uma sorveteria à sua esquerda, uma delicatessen à direita, um carrinho de cachorro-quente sobre o meio-fio, carros estacionados; viu um ônibus escolar ao longe. Tudo muito quieto, apenas o assobio do vento passeando. Sentiu novamente o cheiro putrefato com chulé, o monstro outra vez se aproximava. Poderia sair de qualquer parte, então, tirou os sapatos e partiu em direção ao carrinho de cachorro-quente com passadas longas e sutis.

"*Ahh*"! *Gato idiota!* – Disse a grande coisa fedorenta saindo de um túnel ao sul. Trazia na mão esquerda o gato quase morto. Ergueu-o na altura do olho e disse: "então? Eu vou te comer. Eu vou. Eu falei." – depois gargalhou.

Colocou a cabeça do pobre gato na boca, prendeu-a entre os dentes e puxou de uma vez. A criança que observava tudo detrás do carrinho de cachorro-quente com olhos perplexos, teve uma boa amostra do que lhe aconteceria se a criatura percebesse sua presença. A criatura, muito satisfeita, saboreava cada pequeno pedaço do pobre animal.

“Você fugiu, mas eu achei você, gato burro.” – disse o grandalhão e soltou um arrote engasgado.

A menina resolveu que o melhor seria evitar os pontos iluminados da rua e avançar pela escuridão o mais longe que pudesse do sujeito de um olho só. Então, esperou o momento certo, a hora em que o bicho se distraísse para chegar até a encruzilhada ou ao ônibus escolar e assim o fez. Quando a criatura se virou, a garotinha silenciosamente se moveu pelas sombras. Mas, era necessário cruzar a comprida e bem iluminada rua para chegar ao outro lado, junto ao ônibus escolar, onde parecia ser mais seguro. Então, sacou um dos sapatos, segurou-o firmemente, o do pé esquerdo, e, arremessou-o o mais longe que pôde. Por sorte, acertou em cheio o neon que dizia: “Bem-vindo ao Urso Panda”. O curto causou uma explosão colorida que terminou chamando a atenção do feioso por completo. O plano improvisado saíra melhor que o esperado. O inimigo estava completamente distraído admirando uma fogueira colorida.

A garota saiu andando apressada, mas cautelosa. caminhou até o outro lado da rua, lá descobriu que apenas um dos acessos não estava bloqueado por entulho e mobília velha. Mais agitação seria arriscar demais. Afobada, considerou duas alternativas: esgueirar-se pela escuridão até o ônibus escolar ou entrar por uma das janelas entreabertas da delicatessen, mas para

tal, teria que se expor à luz, sendo esse um caminho mais curto, mas pouco furtivo. Então, aproveitou o breu em que estava metida e procurou pelo chão algo que pudesse atirar distante para manter o monstro distraído.

*"Uma garrafa, um tijolo... algo assim".* – Ciciava ela.

Não encontrando nada que a ajudasse, decidiu ir até o ônibus, mas antes que dobrasse a menor de suas articulações, o bicho virou-se para o túnel e assim que se foi, Céu correu com tudo para o outro lado da rua, sempre evitando a luz.

Agora a menina estava junto à janela da delicatessen. Mas era uma janela lateral bastante alta para aquela pequenina, o dobro de sua estatura, aproximadamente. Para acessá-la precisaria subir em algo. Lembrou-se dos caixotes de madeira há um quarteirão e meio atrás, mas repetir o caminho seria estupidez, mais que isso, uma idiotice bastante arriscada. Então, ponderou por instante: *“dois caixotes resolveriam o problema. Parecem ser leves e devem suportar meu peso”* - calculou. Respirou profundo, reuniu coragem e saiu esgueirando-se pelas paredes, cruzou a rua refazendo os rigorosamente os mesmos passos, agora de volta até o amontoado de lixo onde estavam as caixas. Sem sinal da criatura, nem mesmo seu odor forte e nauseante.

A menina pegou o que precisava e retrocedeu rapidamente, dessa vez não tão cautelosa. Estava novamente ao pé da janela que dava para o interior da delicatessen. Uma caixa sobre outra e poderia alcançar a entrada. Posicionou-as rente ao alvo, verificou a firmeza da estrutura e se pôs sobre os caixotes, eles balançaram um pouco, mas pareciam suportar bem seu peso. A menina abriu os braços buscando o equilíbrio, ficou nas pontas

dos pés, estendeu os braços, deu um impulso e saltou para dentro da delicatessen.

Dentro da delicatessen, Céu viu gostosuras por toda parte: bolos, tortas de todos os sabores; *cupcakes*, salgadinhos, além daquele aroma inconfundível e tão delicioso que chegava a perturbar e que só poderia ser de pudim de leite e canela. A menina simplesmente adorava pudim de leite com pó de canela. A menina correu depressa quando avistou a iguaria no mostrador, mas, ainda que soubesse que tudo aquilo ainda era só um sonho, não poderia simplesmente pegar e comer. O lugar, assim como todos os outros por onde havia passado, não deixava qualquer vestígio de outra pessoa. “Se não era sonho, quem poderia ter feito todas aquelas delícias?” - pensava - “teriam sido feitas por alguém, um mestre confeitoiro, por sinal. Se eu provasse um pouquinho? Dariam falta? e se aparecesse de repente o garçom? O administrador?” A garota era decente e jamais pegaria algo alheio, mesmo que estivesse presa em um sonho bizarro e sem sentido, no entanto, sentia fome, muita fome. Sabemos como são as crianças por guloseimas, não são mais racionais, ainda mais se estão famintas. Então, aproximou-se da bancada, ficou nas pontas dos pés e tentou encontrar alguém na cozinha. A ninguém via, apenas uma porta branquíssima. Seria o escritório? Talvez. Caminhou até aquela porta e deu duas batidas de leve.

— Olá? - bem baixinho sussurrou – tem alguém? - girando a maçaneta devagar.

Estava vazio. Adentrou a sala. Era o escritório do estabelecimento. Uma mesa próxima à entrada, acima, outra janela, vários armários, um cofre no fundo da sala e muitos, muitos quadros pendurados nas paredes. As pessoas neles lhe

eram estranhas, não reconheceu ninguém a princípio, mas, havia sobre a escrivaninha outro retrato. A menina se aproximou para conferir. Uma luminária acendeu quando tocou a mesa. Sobre esta, uma pilha de documentos, uma bonita caneta, um bloco de anotar pedidos, uma curiosa estatuazinha de Gollum que fez a garota exprimir um riso bobo; uma miniatura de um navio de guerra e um cinzeiro limpo, sem cinzas. Puxou o retrato e o trouxe para mais perto dos olhos. Nele estavam várias pessoas segurando taças de vidro com algo dentro, champanhe talvez. Ninguém era familiar, exceto por um homem mais alto, com um boné peculiar e um bigode estilo “Mario Bros”.

— Acho que já te vi em algum lugar, bigodudo. – disse ao homem na fotografia.

O som grave e extenso de sua barriga roncando fez a menina deixar o retrato e pressionar seu abdômen, era novamente aquele cheiro maravilhoso de pudim que tomava o lugar. Então, teve uma ideia. Pegou o bloco de pedidos e a caneta, correu de volta para a recepção e começou a escrever no bloco:

*1 pudim de leite e canela...*

*“não... ” 3 pudins de leite ”- Corrigiu.*

*... 1 fatia de torta de frango;*

*2 pedaços de pizza de calabresa;*

*1 pedaço desse sensacional bolo de abacaxi;*

*1 refrigerante de uvas...*

A menina foi até a cozinha, separou dois pratos brancos de porcelana, alguns talheres e voltou depressa para se servir. Quando estava diante do bolo de abacaxi, não se conteve, enfiou o indicador na cobertura e o meteu na boca.

“*Humm!*” - Deliciou-se a garotinha. Era um sabor magnífico, paralisante.

Após reunir toda comida que anotara no bloco, sentou-se em uma mesa com vista para a rua e enquanto degustava, acrescentava uma observação à nota, abaixo dos pedidos:

*“Senhor proprietário, perdoe-me por assaltar sua delicatessen. Sei que não dormirei por isso, na verdade é bem estranho, mas acho que já estou dormindo enquanto escrevo esse recadinho. É confuso. Em todo caso, deixo o endereço para que possa enviar a cobrança por minhas despesas. Moro na Rua das Araras, nº 10.”*

*Kaylane*

Depois que terminou, sentiu fastio. Céu certamente já tinha ouvido falar de pessoas que sentem cheiros como o de um perfume durante um sonho, algumas até sentem dor, mas jamais conheceu alguém que tivesse experienciado algo como aquilo. Era mesmo de impressionar, bastante real e particular.

Levantou-se, recolheu os utensílios da mesa e dirigiu-se à cozinha. Na entrada da cozinha, à sua frente, alguém surge. Um menino. Sim. Um menino mais baixo que Céu,

empalidecido, de cabelos loiros e rosto sardento. Qual não foi o susto ao dar de cara inesperadamente com alguém. Ela soltou um grito agudo e largou os pratos e tudo mais que segurava. Ao atingirem o solo, as porcelanas se partiram em dezenas de pedaços fazendo um grande estardalhaço. O garoto era Arnael, um menino de sua turma.

— Ei! O que tá fazendo aqui? - indagou o menino pasmo.

— “*Xiii*”! - fez a menina ao sentir vibrar o chão.

Todo aquele barulho atraía a grande fera caolha que entrou bramindo pela porta principal destruindo-a completamente. O ataque foi rápido e violento. A garota enfiou-se debaixo de uma das mesas, enquanto que o garoto, totalmente apavorado, deu um grito de medo ensurdecedor. O monstro veio saltando sobre as mesas e agarrou o menino que estava em pé em choque. A fera saiu dali correndo, pondo abaixo tudo à sua frente. Levava o menino consigo debaixo do braço aos pedidos desesperados de socorro até sumir na escuridão.

Nesse instante, a garota despertou. Estava deitada no sofá de sua casa. Seus membros tensos tremiam. Ergueu a cabeça acima do encosto para se situar, encontrava-se na segurança de seu lar. Olhou no relógio, já passava das vinte e duas. A TV estava desligada, é provável que sua mãe ou seu pai a tivessem desligado. Ficou sentada. Pôs os pés no chão e só então deu falta do sapato esquerdo. Um pé calçado e o outro não. Na casa, um silêncio só. Então, num ímpeto gritou:

— MÃE!

Nenhuma resposta. Procurou pelo sapato ao redor do móvel sem sucesso.

— Ah, você acordou? – disse a mãe saindo pela direita, enrolada em um roupão com uma cara de sono própria de quem levanta em meio à noite – eu não quis lhe acordar, dormia tão profundamente que babava.

— A senhora pegou meu sapato?

— Não.

— Veja. – Apontando com as duas mãos para os pés ajuntados.

— Seu irmão deve ter escondido, depois encontramos. – Bocejando – vou esquentar aquele sanduíche, já está frio.

— Não estou com fome. - Informou a menina.

— Parecia faminta quando chegou da escola.

A menina confusa não soube bem o que dizer, mas disse:

— Que doido!

— E o trabalho da escola? – indagou a mãe – O professor vai comer sua cabeça!

Então, serviu-se da deixa e fez uma piada que apenas ela seria capaz de compreender:

— Como um monstro de um olho só comendo a cabeça de um gatinho.

— Que horror! – imaginando disse a mãe – tem lido muito esses livros de fantasia. Vou conversar sobre isso com seu professor doidão. Vá dormir.

## Capítulo 2 O Carmim de Livia

Na manhã seguinte, a menina acordou como de costume. Preguiçosa, colocou os pés no chão com cuidado, esticou-se e abriu a bocarra num bocejo longo, coçou os olhos e foi andando até o banheiro em passos vagarosos, como sempre fazia.

— *Ande depressa ou vai se atrasar.* – Disse o pai passando pelo corredor.

— Já tô saindo! – Berrou de lá com tom aborrecido.

Não foi muito e logo desceu correndo até a cozinha, tirou uma banana do cacho sobre a mesa e partiu.

— *Tchau, filha! Boa aula!* – Desejou a mãe à menina que se foi para a escola.

Eram cerca de vinte minutos a pé até a escola. Céu saltou o portão e desceu a comprida e fleumática Rua das Araras. Desceu o arvoredo que contornava o passeio. Eram muitos os Cambuís, Aroeiras-mansas, Aroeiras-vermelhas, Ipês-roxos, Jabuticabeiras, dentre tantos outros tipos e com variedade de tamanho. Havia também canteiros com flores diversas que davam ao lugar aquele cheiro contínuo de manhã de primavera. Por ali ficava o armazém do Sr. Leonardo, um pequeno ponto pintado de branco austral com duas janelas estreitas de madeira de maçaranduba onde se vendiam grãos de todos os tipos, várias especiarias e também cordas e parafusos, entre outras utilidades. Também passava em frente à Escola de Música do Sr. Donato, onde se ensinava piano, violino, acordeom e quase todos os

instrumentos da família dos metais. As aulas começavam bem cedo na escola de Sr. Donato e ao passar em frente, Céu o ouvia ensinar a primeira lição: Sonata ao Luar, de Ludwig Van Beethoven. Ele tocava e seus alunos o acompanhavam quase sempre de forma desarmoniosa.

*“Não, não, não! Podem, pelo menos, tocar no compasso”?* - a menina ouvia Donato dizer.

Do lado direito da rua ficava o restaurante de Dona Branca, onde se fazia o mais famoso e legítimo refogado de cordeiro com batatas de que se ouviu falar. Mais adiante, a alguns passos do semáforo, tinha a oficina do Sr. Leônidas, um velho e habilidoso marceneiro de descendência grega. Lá o homem fazia cadeiras, mesas, portas e janelões que eram verdadeiras obras de arte, tudo minuciosamente entalhado e com acabamento em verniz. Faz algumas semanas que o simpático Sr. Leônidas deu de presente a Céu um fantástico jogo de trilhas onde epigrafou na borda lateral do tabuleiro os seguintes dizeres: *“Aquele que quebra o carpelo, não é digno da noz”* A menina guardava-o em sua prateleira junto aos livros do Tolkien e outros objetos especiais.

Mais alguns aglomerados de sobrados e casas comerciais, muros de tijolo protegendo cortiços, crianças e mais e mais crianças indo para escola. Todas as manhãs eram iguais, as mesmas coisas aconteciam até chegar à escola, mas, ao passar em frente a uma casa um quarteirão antes do colégio, Céu não deixou de notar a presença de algumas pessoas muito agitadas: uma mulher branca chorava e um homem alto e magro com um bigode intrigante a tentava consolar; perto deles, um policial também alto, anotava em seu bloquinho.

Ao chegar à escola, viu suas amigas distraídas papeando, sequer se deram conta de sua chegada. Lívia, menina branca, magra, longos cabelos feito um rabo de cavalo, acesas olheiras e uma vibrante boca vermelha de batom, olhar manso e trato gentil. A outra era mais baixa, mais morena e sorria um sorriso de satisfação quando percebeu aquela que acabava de chegar. Seu nome era Ana, Ana Beatriz.

— Oi, meninas – disse Céu – quem escreveu a análise?

— Eu fiz, mas não sei se o professor vai gostar. - Disse Lívia preocupada.

— Digo o mesmo. – falou Ana.

— Eu não sei o que deu em mim – aflita – acabei caindo no sono e não escrevi porcaria nenhuma!

— Ele vai ficar bem bravo – temeu Lívia.

Nesse momento, o professor Ulisses chega ao estacionamento em um Coupe Karmann, 1970, o homem desceu do carro, cumprimentou o Sr. Vilar o porteiro e meteu-se portões adentro. Muitos dentre os alunos antipatizavam o professor Ulisses, o tinham como alguém muito rígido, mas havia também os que o amavam, passaram a entendê-lo e admirá-lo de tal modo que não perdiam nem mesmo as aulas aos sábados. O receio quanto ao estranho professor Ulisses durava até se ter a oportunidade de conhecê-lo melhor, após isso, tinha início uma curiosa e bem-sucedida relação mestre-aluno.

— Meu Deus, sou uma pessoa morta. - Preocupou-se Céu – foi muito bom conhecer vocês, meninas. Vejo vocês no outro mundo, se existir um!